

Hollywood e o mundo árabe

Hollywood and the Arab land

Leandro ORTUNES¹
Leandro GAFFO²

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar as várias formas e meios responsáveis pela construção da imagem sobre o mundo árabe e muçulmano no ocidente. Por meio de uma análise de filmes e animações, demonstraremos os vários estereótipos criados na tentativa de representar a cultura árabe no mundo do entretenimento. Levaremos em conta nesta análise o contexto histórico da produção do material analisado, demonstrando as alterações nas representações do povo árabe entre 1940 e 2011.

Palavras-chave: Imaginário. Mundo Árabe. Ocidente. Mídia. *Hollywood*.

Abstract

This paper presents the various ways and means responsible for building the image covers Arab and Muslim world in the West. With an analysis of movies and animations will demonstrate the various stereotypes created in an attempt to represent the Arab culture in the entertainment world and expose historical context of production analyzed showing how changes in the forms of representation of the Arab people between 1940 and 2011

Keywords: Imaginary. Arab World. West. Media. Hollywood.

Introdução

A construção de um imaginário sobre um povo é algo praticamente inevitável quando duas culturas se encontram em determinado momento da história, e que de alguma forma tentam representa-las. De forma textual, existem exemplos clássicos destas representações imaginárias como, por exemplo, os relatos dos viajantes, cartas

¹Doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP. Professor da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). E-mail: leandroortunes@uol.com.br

²Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP. Membro do grupo de estudos MIRE (Mídia e Religião) da UMESP. E-mail: lgaffo@me.com

enviadas do Brasil colônia para Portugal³, diálogos entre índios e descendentes de ingleses nos Estados Unidos⁴, dentre outros. Entretanto, com o avanço da globalização os meios de comunicação visuais assumiram grande importância na descrição e representação de um povo. Neste sentido a TV se tornou a nova forma de conhecer o novo.

No entanto, mesmo diante ao fenômeno da globalização, momento em que há uma abertura para o conhecimento de várias culturas, percebemos que o conhecimento sobre o “outro” ainda é algo produzido e reproduzido, e pouco vivenciado ou experimentado, sendo o grande problema, é que estas representações podem estar impregnadas de preconceitos, generalizações e distorções de uma determinada cultura. E uma vez que, a mídia é a grande produtora de imaginários e reproduções de certa cultura, várias áreas das ciências buscam compreender suas implicações e reflexos na sociedade:

A formação da esfera comunicativa moderna, que se estruturou com o nascimento dos modernos meios de comunicação, provocou o surgimento de uma série de fenômenos novos, no contexto dos quais esses meios tornaram-se cada vez mais poderosos, despertando a preocupação das mais diversas disciplinas do conhecimento humano para com a comunicação. (RUDIGER, 2011, p.14)

Este será nosso principal objetivo neste artigo, demonstrar a influencia da mídia na criação de estereótipos do mundo árabe no ocidente. Buscaremos apresentar as representações no cinema e as alterações desta construção mediante o contexto internacional.

Ao descrever sobre cinema, evidentemente devemos levar em consideração os meios em que ele chega à população. Mesmo diante do avanço da internet e das redes sociais, a produção cinematográfica em grande parte é transmitida por meio das salas próprias de cinema ou das televisões. Neste sentido, não poderemos descartar ou negligenciar uma consideração a respeito deste meio de comunicação. A televisão aliada as mais diversas formas de entretenimento: filmes, jogos, jornais e *talk shows*, são responsáveis pela criação de uma nova forma de organização do pensamento humano:

³Diálogo sobre a conversão do gentio

⁴ A Carta do Cacique Seattle

[...] a televisão está produzindo uma espécie de permutação, uma metamorfose, que atinge a própria natureza *homo sapiens*. É por isso que a televisão não é somente um instrumento de comunicação; é ao mesmo tempo também *paidéia*, um instrumento *atropogenético* um *médium* (meio) que gera um novo *ánthropos*, um novo tipo de ser humano. (SARTORI, 2001, p.23).

De acordo com o autor Gionanni Sartori, o *homo sapiens* passa gradativamente a ser o *homo videns*, ou seja, a humanidade passa a organizar seu pensamento através das imagens, desconsiderando e descartando todo o processo intelectual e cognitivo desenvolvido ao longo da história. E o cinema que atende a demanda do *homo ludens* – o homem que gosta de se divertir e de espetáculos – acaba construindo a visão de mundo de boa parte seus espectadores.

Entretanto, este poder da televisão vai além de um simples entretenimento ou de um agente de formação de conhecimento. A televisão por meio dos jornais, filmes, documentários também são forças mobilizadoras e podem criar uma sensação de que algo possa existir, mesmo sem provas de sua existência:

Os perigos políticos inerentes ao uso ordinário da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam *o efeito de real*, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos. (BOURDIEU, 1997, p.28)

Neste sentido, podemos citar, por exemplo, a operação *Iraq Freedom* lançada em 2003, pelo presidente George W. Bush, que mesmo sem provas concretas sobre as armas de destruição em massa, obteve apoio da população norte-americana, isso devido a forte presença da mídia na propagação do medo por meio de debates, filmes e reportagens sobre o terrorismo.

A construção do imaginário sobre Oriente Médio

Antes de analisarmos o cinema, ressaltamos que o estranhamento entre culturas é um fenômeno constante na história da humanidade, entretanto este estranhamento possui algumas particularidades quando envolve religiões universais como o cristianismo e o islamismo. São religiões consideradas universais devido à ênfase

no proselitismo e no caráter universal de sua mensagem, não limitandoa uma etnia ou região. Este fato promove um choque religioso, uma vez que, as duas religiões disputam fieis e julgam-se detersalvação exclusiva. Destacamos que este choque não pode ser confundido com a violência física, embora algumas vezes isso aconteça. Tal choque é uma resistência em conhecer e compreender alguém que possui valores diferentes da cultura pertencente. Mesmo diante do processo de secularização, este choque permanece, mas agora assumindo novas características que ultrapassam apenas a questão religiosa.

Também é necessário destacar que há certa confusão até mesmo na definição de alguns termos que acabam promovendo generalizações na mídia e na literatura. Os termos "árabes", "Oriente Médio", "muçulmanos" e "fundamentalismo" são geralmente utilizados e assimilados como correlatos. Evidentemente, sabemos que existe grande diferença entre estas palavras e seus significados. Uma pesquisa realizada por BasnyuoniHamadaapresentou resultados que demonstram claramente esta confusão dos termos. Hamada (2001) comenta que em uma entrevista com 118 jornalistas, 40% deles afirmaram que árabes e muçulmanos são a mesma coisa. (CASTRO, 2007, p.33). Com isso, temos outro problema às próprias definições sobre o outro mundo já carregam alguns preconceitos e valores ocidentais:

O próprio termo Oriente Médio, usado para definir a região geográfica que é hoje lar de cerca de 400 milhões de muçulmanos, comporta discussões. O termo (do inglês *MiddleEast*) é evidentemente de cunho eurocentrista e data, justamente, do século XIX, época em que o império britânico controlou mares e um quarto da Terra. (DEMANT, 2004, p.15)

Partindo para o foco de nosso estudo, o autor Edward Said relata que há uma falta de compreensão do movimento islâmico nos Estados Unidos:

Gostaria de poder afirmar que a compreensão geral do Oriente Médio, dos árabes e do Islã nos Estados Unidos melhorou um pouco. Mas, infelizmente, o fato é que isso não ocorreu [...] Nos Estados Unidos, o endurecimento das atitudes, o estreitamento tenaz⁵ das generalizações desencorajantes e do clichê triunfalista, a supremacia da força bruta aliada a um desprezo simplista pelos opositores e pelos "outros"

⁵Said comenta que os Estados se fecham para um verdadeiro entendimento em relação ao Oriente, restringindo-se as generalizações sobre o tema.

encontraram um correlativo adequado no saque, na pilhagem e na destruição das bibliotecas e dos museus do Iraque. (SAID, 2007, p.14)

Para Said, a construção do imaginário sobre o mundo mulçumano não está restrito à mídia, na verdade, a própria academia reproduziu durante séculos imagens equivocadas, e demonstrou uma necessidade de classificar por meio de termos e conceitos tal cultura:

O orientalismo é o termo genérico que venho usando para descrever a abordagem ocidental do Oriente; é a disciplina por meio da qual o Oriente é abordado sistematicamente, como um tema de erudição, de descobertas e de prática. Mas, além disso, eu tenho usado a palavra para designar aquela coleção de sonhos, imagens e vocabulários disponíveis para qualquer um que tenha tentado falar sobre o que está a leste da linha divisória.(SAID, 2007, p.115)

Em relação ao cinema, Jack Shaheen⁶, professor da Universidade de Illinois, nomeia o Oriente Médio como uma *Arabland*, região muito diversa, mas que ficou estigmatizada como uma terra desértica, violenta e extremamente religiosa. Partindo para a construção contemporânea sobre o Oriente Médio, utilizaremos alguns exemplos demonstrados no documentário “Filmes ruins árabes malvados”, que conta com a narrativa do professor Jack Shaheen⁷, no entanto, faremos uma análise própria, levando em conta o contexto político, social e econômico da época.

Uma série de estereótipos sobre os árabes que são recorrentes nos filmes produzidos por *Hollywood* são apresentados sistematicamente no documentário. Primeiramente, um fato que chama a atenção é a representação do mundo árabe no cinema infantil. O desenho “Aladdin”, lançado em 1992, possui uma música em sua abertura que provocou grande crítica ao conteúdo da letra. Abaixo traduzimos livremente a versão original em inglês entre 1992 e 1993.

Oh, eu venho de uma terra. De um lugar distante, onde os camelos da caravana percorrem. Onde eles cortam sua orelha se não gosta do seu rosto. É bárbaro, mas, *hey*, este é o lar.

Devido às críticas, a versão para *DVD home*, a partir de 1993, foi reeditada e recebeu a seguinte letra:

⁶ Autor do documentário *ReelBadArabs* e dos livros *The TV Arab* (1984) e *ArabandMuslimStereotyping in American Popular Culture* (1997).

⁷*Reel Bad Arabs: How Hollywood Vilifies a People*. 2006, 50 min.

Oh, eu venho de uma terra, de um lugar distante onde os camelos da caravana percorrem, onde é plana e imensa. E o calor é intenso, é bárbaro, mas hey, ele está em casa.

[...]

Noites na Arábia e o cair da lua árabe. Um tolo desprevenido poderia cair, e cair duro lá fora nas dunas.

O documentário se detém apenas na primeira versão 1992/1993. Mas com base neste apontamento, buscamos as traduções em português e espanhol para identificarmos se a representação sobre o mundo árabe na música permanece semelhante à primeira versão norte-americana. Na versão em português, encontramos outro termo complicador inserido na letra na música. Além da frase que indica uma mutilação do corpo por um motivo banal (semelhante à primeira versão norte-americana) descobrimos um acréscimo sobre as orgias da Arábia:

Venho de um lugar onde sempre se vê uma caravana passar, vão cortar sua orelha para mostrar pra você como é bárbaro o nosso lar.

[...]

A noite da Arábia, e o dia também é sempre tão quente que faz com que a gente se sintam tão bem.

Tem um belo luar e orgias demais. Quem se distrair pode até cair e ficar para trás.

Esta visão das orgias no mundo árabe praticamente se extinguiu do cinema após a ênfase no mundo religioso muçulmano, o qual tal ato é inconcebível, abordaremos este assunto adiante. Retomando a música do desenho *Aladdin*, na versão em espanhol da Espanha não há o verso sobre a mutilação, mas foi inserido o fator religioso (matar em nome de Alá) e sobre a lei da região:

Eu venho de onde a data é indicada. E os nômades bebem chá. E se eles não gostam de você lá, encomendarão a Alá. É difícil, eu sei, e daí?

[...]

Se você vai para a Arábia, você não deve esquecer que lá há outra lei. Você deve atender se você quer viver.

Também há na versão em espanhol para América Latina a frase sobre a mutilação:

Eu venho de um lugar, uma terra inigualável onde você vê passar caravanas. E se eles não gostam de você lá, eles vão te mutilar. Essa barbárie! Mas este é o meu lugar.

[...]

Arábia é como noite e dia, calor intenso, eu não vi nada pior, tudo pode acontecer.

Na versão em português, a referência às orgias no mundo árabe não é algo novo. Por séculos esta imagem se perpetuou no imaginário ocidental. A dança do ventre e o harém são vistos geralmente como parte de toda a cultura árabe, sendo ambos com elevado grau de erotismo de acordo com a visão ocidental. Ao citar as orgias o autor apenas retomou este imaginário já praticamente cristalizado na mídia ocidental com os relatos dos viajantes europeus em terras árabes, entre os séculos XVIII e XIX. Aos que não viajavam, a imagem dos povos árabes estava estritamente relacionadas a estes relatos.

Visitantes europeus a países islâmicos ficavam intrigados pelo que sabiam ou, mais precisamente, pelo que ouviram acerca do sistema do harém, e alguns deles falam com uma inveja mal disfarçada e mal informada do que imaginam serem os direitos e privilégios de um marido e chefe de família muçulmano. (LEWIS, 2002, p.78).

No cinema são vastos os exemplos desta visão de árabes entregues à luxúria, ricos e intolerantes. O documentário *Filmes ruins árabes malvados* apresentava vários trechos de filmes produzidos neste sentido. Destacamos o filme de 1981 *CannonballRun2*, que de forma cômica retrata este estereótipo que descrevemos acima.



Figura 1 - Frame do filme *CannonballRun2* (1981)

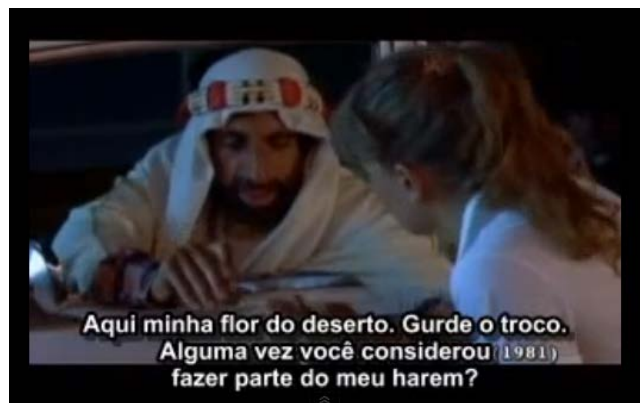


Figura 2 - Frame do filme *Cannonball Run 2* (1981)⁸



Figura 3 Frame do filme *Happy Hooker Goes To Washington* de (1977)

As imagens do harém e da vida escrava das mulheres no mundo muçulmano e árabe são recorrentes no pensamento ocidental. No entanto, além do sistema de harém ser diferente de acordo com a sociedade inserida, a mulher também possuía certa liberdade secular de acordo com o grau de abertura concedido a ela:

A reclusão do harém não significava que a mulher era totalmente excluída da vida. Dentro dos aposentos femininos das grandes

⁸O frame captado contém um erro ortográfico na legenda em português. Onde se lê "gurde o troco", leia-se "guarde o troco".

famílias, em visitas umas às outras, nas casas de banho públicas, que eram reservadas para as mulheres em momentos especiais, e nas celebrações de casamentos ou nascimentos de filhos, as mulheres encontravam-se e mantinham uma cultura própria. (HOURANI, 2006, p.176)

Sobre as casas de banhos mencionadas por Hourani, temos um quadro de 1862 chamado *O banho turco* que certamente destoa da visão contemporânea sobre a mulher muçulmana.

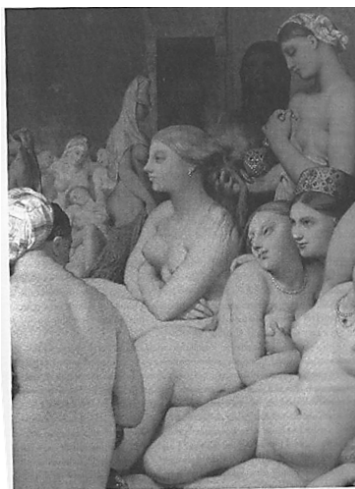


Figura 4 - O Banho Turco (DEMANT, 2005, p.149)

Com o tempo, a imagem feminina árabe passou de mulher do harém ou da dança do ventre para a mulher de burca e totalmente subjugada. Lewis demonstra esta alteração em seu livro *O que deu errado no Oriente médio*.



Figura 5 - A mulher muçulmana (LEWIS, 2002, p.91)

Evidentemente, em alguns grupos mais radicais, a mulher passou a ser uma propriedade do homem sem grande liberdade de escolha. Mas isso não é um fato pertencente a todas as famílias muçulmanas e, muito menos, presente no mundo muçulmano anterior ao movimento fundamentalista. Na verdade, o islamismo, por muitas vezes, promoveu maior segurança às mulheres se comparado aos tempos pré-islâmicos nas sociedades árabes, conforme comenta Albert Hourani:

O Corão afirmava em termos claros a igualdade essencial de homens e mulheres: “O justo, homem ou mulher, sendo um dos crentes entrará no Jardim”. Também ordenava a justiça e a bondade no trato entre muçulmanos. Parece provável que suas cláusulas em relação ao casamento e à herança desse às mulheres uma posição melhor do que tinham na Arábia pré-islâmica. (HOURANI, 2006, p.176)

Representações sobre a violência

Além das representações citadas anteriormente, é vasta a filmografia que apresenta duelos entre norte-americanos e árabes, sendo o árabe intolerante, violento e ignorante. A construção deste tipo de imagem é presente no desenho animado *Porky Pig Ali Baba Bound* de 1940. O próprio título da apresentação do personagem árabe, no desenho, já traz uma conotação negativa: “o cachorro louco do deserto”.



Figura 7 - Frame do filme *Porky Pig Ali Baba Bound*

O drama da história é um reflexo das bases militares ocidentais nos países árabes após a primeira guerra mundial. O desenho retrata um forte instalado em terras árabes

⁹Disponível em: <https://youtu.be/K89iZVYcTEo>. Acesso em 27/04/2014.

que se torna vulnerável após a convocação dos soldados para uma reunião em Boston. Coube ao *PorkyPig* defender o forte que estava em perigo. Após a tentativa de invasão de um dos árabes que foi impedida por *PorkyPig*, o invasor se torna um homem de aparência humilde com uma placa escrita “este forte é injusto para os árabes”.



Figura 8 - Frame do filme *PorkyPig Ali Baba Bound*

Também há a figura do terrorista suicida conforme o frame abaixo. Detalhe no quadro inferior direito com a frase: “*Este banco é reservado para esquadrão suicida*”.



Figura 9 - Frame *PorkyPig Ali Baba Bound*.

Todas as tentativas de invasões são frustradas, até mesmo a tentativa suicida realizada por um dos árabes que corre um projétil na cabeça:



Figura 10 - Frame PorkyPig Ali Baba Bound.

No filme “Indiana Jones e Os Caçadores da Arca Perdida” de 1981, novamente é representado a figura do árabe violento. Assim como no desenho *Porky Pig Ali Baba Bound*, o árabe é violento, mas também atrapalhado. Há um jogo de ideias entre violência e despraparo militar ou ofensivo. Da mesma forma que no desenho todas as tentativas e armas arabs são frágeis e desastrosas se comparadas as forças norte-americanas, no filme de Indiana Jones o mesmo ocorre na disputa entre a espada do árabe e o revólver de Indiana Jones:



Figura 11 - Frame Os Caçadores da Arca Perdida

Após a Guerra do Golfo, estas imagens foram gradativamente substituídas por um estereótipo mais violento, reflexo dos conflitos armados que aumentaram na região após as intervenções norte-americanas. Um exemplo é o filme *True Lies* de 1994.



Figura 12 - Frame True Lies

O terrorista no filme é um árabe com obsessão por mísseis, no entanto, é nítido o estereótipo do árabe atrapalhado, pois em várias cenas o mesmo comete erros em relação ao uso das armas em seu poder. No entanto, com o aumento das tropas norte-americanas, após a década de 90¹⁰, os atentados terroristas por parte do fundamentalismo muçulmano tornaram-se mais frequentes. A partir deste momento, o cinema representou predominante a imagem do terrorista violento e extremamente religioso.

Após 11/9: O medo e a crítica

Após os atentados ao *World Trade Center* em 2001, o sentimento de medo tomou conta dos norte-americanos, principalmente devido a grande exposição dos atentados na mídia de massa. Esta sensação de medo é detalhada em um estudo do *Journal of Media Psychology*, revista científica que circula nos Estados Unidos, no Canadá e na Alemanha. Foi realizada 392 entrevistas com estudantes da Universidade do Texas. O objetivo foi mensurar o tempo que estes participantes ficaram diante das imagens dos atentados transmitidos pelos canais de televisão. Os pesquisadores procuraram também investigar a sensação dos telespectadores após as imagens¹¹. A classificação das sensações foi feita da seguinte forma: Categoria MAD (para o sentimento de ódio,

¹⁰PAPE, Robert A. *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*. New York: Random House, 2005.

¹¹*Emotional Stress and Coping in Response to Television News Coverage of the 9/11 Terrorist Attacks*. *Journal of Media Psychology*, V 14, No. 1, Winter, 2009.

raiva); BAD (para o sentimento de ansiedade atrelado ao medo); SAD (para o sentimento de tristeza e impotência). O resultado da pesquisa foi o seguinte:

Percentages of Participants by Emotion on Tuesday 9/11 and 6 days later (Sunday)

Emotion	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday	Saturday	Sunday
<i>MAD</i>	71%	44.5%	43.3%	40.7%	40.5%	31%
<i>SAD</i>	9%	19.2%	26.1%	30.1%	29.4%	19%
<i>BAD</i>	11.6%	17.2%	20.5%	21.6%	22.3%	24%

Note. The remainder of the participants fell into the "other" category and were not included in this analysis.

Tabela 1 - Estudo realizado sobre as emoções dos telespectadores após os atentados em 11/9

Este estudo nos fornece uma amostra de grande importância. Embora 392 estudantes do Texas possam ter um perfil de pensamento diferenciado dos demais norte-americanos, no momento dos atentados podemos supor que o patriotismo se acentuou e os mesmos sentimentos foram compartilhados. Como resultado, a categoria MAD, que engloba o sentimento de raiva e ódio, é predominante em todos os dias da semana. A categoria BAD (o sentimento de ansiedade atrelado ao medo) elevou-se gradualmente de 11,6% na terça-feira (11/9) para 24% no domingo. Evidentemente, o volume de imagens e cenas dos atentados desencadeia essa sensação que se acentua conforme o número de repetições ao longo da semana.

O cinema por sua vez reagiu de uma forma diferente. Utilizando-se da ficção e de fatos reais, alguns filmes tentaram remontar a história dos atentados. Como por exemplo, "As Torres Gêmeas" e "Voo *United* 93". Uma vez que, tais atentados foram promovidos por radicais islâmicos não há nos filmes citados grandes estereótipos ou generalizações em relação ao mundo muçulmano como descrevemos nos filmes anteriores aos atentados. Ambos os filmes retratam sobre o "espírito heroico" do povo norte-americano mediante ao terror. É interessante perceber esta linha de pensamento, pois reaviva o espírito patriota.



Figura 13 - Cartazes dos filmes United 93 e As torres gêmeas.

Com apoio da opinião popular, George Bush declara a *guerra ao terror* que desencadeou diversas intervenções norte-americanas no Afeganistão e mais tarde no Iraque. No entanto, esta guerra passa a ser questionada devido aos alvos genéricos e objetivos não atingidos, como por exemplo, a busca pelas armas de destruição em massa no Iraque e a prisão de Osama bin Laden que só ocorreu no governo Obama. O cinema novamente reage, porém agora com uma visão crítica sobre a guerra e o terrorismo.

No âmbito da animação “Os Simpsons” que é extremamente crítico a sociedade norte-americana e seu *American Way of life*, em 2008 dedicou uma parte do episódio “*MyPods and Boomsticks*” para demonstrar o preconceito norte-americano em relação ao mundo muçulmano.



Figura 14 - Frame Os Simpsons *MyPods and Boomsticks*.

Um engenheiro muçulmano responsável pela demolição de um shopping desativado é confundido como um homem bomba por Homer Simpson. Em várias cenas

são demonstrados os discursos preconceituosos presentes no mundo em relação ao Islã. Este episódio se relaciona com a história de Lisa Simpson e a compra de um *MyPode* – alusão ao *Ipod* da *Apple* – o qual promete um novo estilo de vida, porém é nitidamente ilusório e que resultou em uma grande dívida financeira de Lisa com a *Mapple* – alusão à *Apple*. O slogan da *Apple* é repetido constantemente no desenho: “Pense diferente”. Percebemos uma interação nas duas histórias, mas com uma mensagem única. Pensar diferente para Lisa Simpson foi entrar na “onda” consumista promovida pela *Apple* e que na verdade não é um pensamento diferente. Da mesma forma, Homer Simpson e seus companheiros reunidos em um bar também não possuem um pensamento diferente sobre o mundo muçulmano. Em um pequeno diálogo desta cena no bar, podemos identificar a crítica em relação construção do imaginário sobre o mundo muçulmano realizado pela TV:

Moe: - Homer é sério! Esse garoto – Bashir – é muçulmano e está envolvido em alguma coisa.

Homer: - Eu não acredito nisso, a não ser que eu veja um programa de TV fictício defendendo sua ideia.¹²

No cinema temos outros exemplos críticos à guerra contra o terrorismo no oriente médio. O filme “Guerra ao Terror” (*The HurtLocker*) em 2008. O filme foi vencedor de seis categorias do *Oscar* em 2010. É retratada a operação de uma equipe antibombas que atua no Iraque. A operação de desarmamento de IED (*improvisedexplosivedevice*), presente constantemente no filme, descreve a realidade enfrentada por soldados norte-americanos. Em 2010, o filme “Zona Verde” (*Green Zone*) demonstra o fracasso norte-americano na busca de armas de destruição em massa e as divisões de interesse dentro do próprio exército. O filme termina com um soldado divulgando a história para uma jornalista. A obra é inspirada no livro “Vida imperial na cidade esmeralda”.

¹²Disponível em: <http://mais.uol.com.br/view/vtZludptk2f8/os-simpsons--20-temporada-episodio-7-completo-e-dublado-0402CC9A3366D8B14326?types=A&>. Início da Cena 10m52s. Acesso em 09/05/2015.



Figura 15 - Frame Capa DVD do Filme Guerra ao Terror.

Por fim, mesmo após algumas contraposições do cinema em relação à atuação norte-americana no Oriente Médio, o estereótipo do árabe violento e do norte-americano salvador ainda permanece em boa da produção cinematográfica. Obviamente, devido ao fato de que a grande produção de filmes que abordam esse tema serem de *Hollywood*, a força do patriotismo acentua esta imagem de duelo entre o bem e o mal. No entanto, percebemos que a filmografia, com suas generalizações, acaba distorcendo a realidade e criando um imaginário comum em seus telespectadores.

Considerações finais

Nesta breve análise sobre a construção da imagem do mundo muçulmano, percebemos que isso é reflexo de um processo histórico. Além da literatura e termos já cristalizados sobre este povo e religião, temos também o papel do cinema na construção e perpetuação das imagens estereotipadas sobre o mundo árabe e muçulmano. Muitas vezes, devido ao apego da mídia nos casos extremos de crueldades presentes no Oriente médio, ambos se enxergam como um perigo que deve ser combatido ou modificado. Said, além de criticar os estudos produzidos na academia por europeus e norte-americanos (chamando de sabedoria belicosa), também aponta para outros fatores que acentuam o preconceito ocidental contra o Oriente.

Toda essa sabedoria belicosa é acompanhada pelas onipresentes CNNs e Foxs deste mundo, juntamente com a quantidade mirífica de emissoras de rádio evangélicas direitistas, além de incontáveis

tablóides e até jornais de porte médio, todos reciclando as mesmas fábulas inverificáveis e as mesmas vastas generalizações com o propósito de sacudir a “América” contra o diabo estrangeiro. (SAID, 2007, p.16).

Said também comenta que boa parte dos debates sobre o terrorismo vinculados à religião muçulmana promove apenas a polêmica sobre os fatos, sem levar em conta um trabalho de aproximação ou de melhor compreensão sobre as diferentes culturas:

Quando alguém se baseia em publicistas, intelectuais e jornalistas como Charles Krauthammer, Sergi Stankevich e Bernard Lewis, a argumentação já é tendenciosa em favor do conflito e da polêmica, em vez da verdadeira compreensão e do tipo de cooperação entre os povos de que nosso planeta necessita. (SAID, 2003, p.318).

Em relação ao cinema ficou nítida a interação dos temas dos filmes e o contexto histórico no momento de sua elaboração. E com isso, percebemos que o cinema passa a ser ator de grande impacto na construção da percepção da realidade. Evidentemente, este fato não fica restrito somente ao povo norte-americano, mas o cinema é um agente criador de símbolos e conceitos para vários países e culturas. Com isso, o *homo sapiens* torna cada vez mais *homoviden*s devido a nossa característica de *homoludens*. Por este motivo o papel do cinema não pode ser ignorado pelas análises das ciências sociais, pois temos impactos diretos deste ator em nossa sociedade, desde nossa percepção da realidade até o nosso comportamento diário.

Referências

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: fundamentalismo no judaísmo, cristianismo e islã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CASTRO, Isabelle Somma. **Orientalismo na imprensa brasileira: a apresentação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11/09/2001**. Dissertação apresentada ao departamento de Letras da Universidade de São Paulo FFLCH-USP, 2007.

DEMANT, Peter Robert. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2005.

DREHER Martin N. **Para entender o fundamentalismo**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

HAMADA, Basnyuoni. The Arab image in the minds of western image-makers. In: **The Journal of internacional Communication**, V.4, nº1, Sydney, Macquarie University, 2001.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KEHL, Maria Rita. *Elogio ao Medo*. In: NOVAES, Adalto. **Ensaio sobre o medo**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

LEWIS, Bernard. **O que deu errado no Oriente?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PAPE, Robert A. *Dying to Win: The strategic logic of suicide terrorism*. New York: Random House, 2005.

RAHMAN, Fazlur. **Study of islamic fundamentalism**. Oxford: One Word, 2003.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. **O orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo. Cia das Letras, 2007.

SARTORI, Giovanni. **Homo videns: televisão e pós-pensamento**. Bauru: Edusc, 2001.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e terror: Comunicação e Violência Política**. São Paulo: Paulus, 2005.